



## Doutor Feliciano André Gomes [1859-1927]: Notas preliminares sobre um tribuno negro em Pernambuco

*Doctor Feliciano André Gomes [1859-1927]: Preliminary notes on a black tribune in Pernambuco*

José Bento Rosa da Silva

 <https://orcid.org/0000-0002-0185-0766>  
Universidade Federal de Pernambuco

Arthur Danilo Castelo Branco de Souza

 <https://orcid.org/0000-0002-0442-2054>  
Universidade Federal de Pernambuco

**Resumo:** Muito se tem discutido sobre a atuação da população negra no movimento abolicionista brasileiro e no imediato pós-abolição. Descobriu-se que, apesar de todas as limitações impostas pelo sistema escravista e pelo racismo estrutural, a população negra esteve em evidência e transformou a realidade a partir de suas experiências mutualistas, fazendo uso de suas redes de proteção. Feliciano André Gomes, um dos filhos do africano livre Feliciano André Gomes da Costa, foi um homem negro que conseguiu, através do associativismo, dos estudos e da militância política, ascender política e socialmente. Entre o fim da escravidão (1888) e a Primeira República (1889-1930) conseguimos acompanhar a trajetória desse líder político e intelectual negro e suas atuações tanto no movimento abolicionista, quanto no movimento operário e intelectual em Pernambuco. Feliciano André Gomes foi um dos muitos homens negros que impuseram à sociedade o reconhecimento de suas habilidades, contradizendo as teorias raciais em voga. Veremos que, ao mesmo tempo em que Feliciano André Gomes fazia parte de uma “elite negra”, também representava categorias como escravizados e artífices, posteriormente chamados de operários ou “trabalhadores nacionais”, fazendo-se um líder das camadas populares. A nossa iniciativa, longe de querer esgotar o debate sobre a participação política da população negra entre a abolição e a primeira república, é a de acender uma tocha, através da vida de André Gomes, para que possamos desconstruir as imagens de anomia e de “bestialização”, que, durante muito tempo, recaiu sobre a população negra brasileira.

**Palavras-chave:** Abolição. Associativismo. Feliciano André Gomes. Tribuno negro.

**Abstract:** Much has been discussed about the performance of the black population in the Brazilian abolitionist movement and in the immediate post-abolition period. It turned out that, despite all the limitations imposed by the slave system and structural racism, the black population was in evidence and transformed the reality from their mutualist experiences, making use of their safety nets. Feliciano André Gomes, one of the children of the free African Feliciano André Gomes da Costa, was a black man who managed, through associations, studies and political militancy, to rise politically and socially. Between the end of slavery (1888) and the First Republic (1889-1930) we managed to follow the trajectory of this black political and intellectual leader and his actions both in the abolitionist movement and in the workers’ and intellectual movement in Pernambuco. Feliciano André Gomes was one of the many black men who imposed on society the recognition of their abilities, contradicting the racial theories in vogue. We will see that, at the same time that Feliciano André Gomes was part of a “black elite”, he also represented categories such as enslaved, artisans, later called workers or “national workers”, becoming a leader of the popular strata. Our initiative, far from wanting to exhaust the debate on the political participation of the black population between abolition and the first republic, is to light a torch, through the life of André Gomes, so that we can deconstruct the images of anomie and “bestialization”, which for a long time fell on the black Brazilian population.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

**Keywords:** Abolition. Associativism. Feliciano André Gomes. Black Tribune.

## **Necrologia de um negro & Preto-Branco: ‘Apologia’ a Feliciano**

Na sociedade brasileira, onde o preconceito racial é manifesto de diferentes formas, não é raro ouvirmos expressões tais como: “Ele é um negro de alma branca”. Frases estas ditas, às vezes, no sentido de ‘elogio’, visando mostrar que o sujeito tenha superado obstáculos – as “barreiras de cor” – existentes na sociedade, por ter um atributo do branco, qual seja, a cor. Não raras vezes, para ascender socialmente, sujeitos negros passam por esse processo de branqueamento, ou embranquecimento, tema este já investigado por sociólogos e antropólogos. Destacamos entre eles, a tese de Florestan Fernandes, *A Integração do Negro Na Sociedade de Classe* (FERNANDES, 1978) defendida na década de sessenta do século passado, polemizando com a visão da harmonia racial, contida, sobretudo, em *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre. (FREYRE, 2004).

Feliciano André Gomes, um bacharel em direito e abolicionista que ascendeu socialmente, apesar de ser visto por alguns de seus contemporâneos como “um preto-branco”, não se deixou embranquecer, assumiu – segundo um outro contemporâneo – a sua negritude.

Consideramos este um artigo preliminar, visto que, para construí-lo, usamos exclusivamente os periódicos como fontes; no entanto, sabemos da existência de outras, das quais não nos ocuparemos no momento, devido aos limites de um artigo acadêmico. O título deste subitem foi inspirado em dois panegíricos publicados no ano de 1927, por ocasião da morte desse tribuno. O primeiro panegírico, sobre o qual nos referimos acima, foi elaborado por um ex-aluno de Feliciano André Gomes, *no Liceu de Artes e Ofícios de Pernambuco*, onde o ex-aluno, Britto Macedo, disse ter sido colega de Júlio Borges Diniz, Aloysio Marques, Gilminez de Mello, dentre outros que passaram pelas salas de aula do “ilustre Feliciano”. Depois de tecer longos elogios à sua época e às qualidades do homenageado conclui: “[...] E é por isso que, homenageando-o nesta página de saudade, guardarei para os meus filhos a história sempre nova de um Preto-Branco!” (Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (HDBN) *Jornal do Recife*. Recife. Edição n. 246. Ano: 1927, p. 01 [Domingo, 23 de outubro]). Este último termo, que nos chamou atenção na matéria, foi justamente estampado na primeira página do jornal como título e em negrito: **Preto-Branco!**

O segundo elogio, de autoria de Anísio Galvão, foi publicado na *Revista Cidade*, na coluna que noticiava os acontecimentos da semana. Com o título *Necrologio de um negro*, o autor falou da comoção pela qual passou a cidade do Recife, por ocasião da chegada do corpo do deputado, bacharel em Direito e professor Feliciano André Gomes, que havia falecido na cidade de Caxambú, Estado de Minas Gerais. Traçou o perfil do homenageado, evidenciando as dificuldades pelas quais passou por ser negro. Vejamos um trecho do artigo:

Verdadeira multidão acorrera no cais e quando o guindaste do navio trouxe para terra o caixão, ao som da marcha fúnebre, não eram só pessoas da família do morto que choravam, mas meninas, mocinhas de instituições piedosas, que compareceram com os seus estandartes de luto, homens do povo, professoras, velhinhas [...] Feliciano André Gomes era um negro e isso é o que mais torna esses fatos merecedores de nota. Sabe-se o quando a cor, infelizmente, prejudica a ascensão do indivíduo e provoca certas hostilidades, prevenções injustas, mas reais. E ele era um que tinha orgulho em ser preto [...] Sua preocupação maior era cuidar dos pretos como ele, dos humildes, do que sentiam dificuldades em encontrar mãos protetoras [...]” *Necrologio de um negro*. *Revista da Cidade*. Recife. Ano: II. N. 74, [22/10/1927].

Nosso objetivo neste artigo é narrar, através dos periódicos, uma trajetória preliminar desse que, segundo a nota acima, fez a cidade do Recife parar quando de seu sepultamento na terça-feira, 18 de outubro de 1927 e todos os jornais da cidade deram destaque ao acontecimento do ano. Alguns descreveram com pormenores, desde a morte em Minas Gerais, ao traslado do corpo, o ritual de sepultamento e a construção de um mausoléu em sua homenagem no cemitério de Santo

Amaro. O jornal *A Província*, por exemplo, reproduziu um telegrama publicado pelo *Jornal Última Hora* da capital da República [Rio de Janeiro] onde foi embarcado o corpo do deputado que para lá fora levado. A bordo do vapor “Itagiba”, o traslado foi feito no dia 13 de outubro, chegando na manhã do dia 18 no Recife. No embarque, a bancada de deputados federais de Pernambuco estava presente. (HDBN: *A Província*. Recife. Edição n. 238. Ano: 1927, p. 03 [Sexta Feira, 14 de outubro]).

O *Jornal de Recife*, na edição do dia 19 do mesmo mês, fez a cobertura completa da chegada do corpo até o jazigo, no cemitério de Santo Amaro. Parece ter sido a leitura desta matéria a inspiração do título da homenagem de Anísio Galvão. Pois bem, desembarcado no porto do Recife, pouco antes das 8 horas, o corpo foi colocado sobre o carro do Corpo de Bombeiros e fez o seguinte trajeto até a Igreja de Santo Antônio: Praça Alfredo Lisboa, Avenida Marquês de Olinda, ponte Maurício de Nassau, Rua 1º. De Março, Praça da Independência, Rua Sigismundo Gonçalves, Praça Saldanha Marinho. Na Igreja de Santo Antônio foi realizada a missa de corpo presente, inclusive com a presença do bispo. Segundo o jornal, um grupo de músicos, por iniciativa própria, executou no coro ofícios fúnebres, enquanto uma fração musical da Força Pública tocava marchas fúnebres no corredor do lado direito da matriz. Terminada a missa, teve início a reorganização do préstito.

Reposto o esquife na carreta, foi esta conduzida pelo povo até o cemitério. Puxando o cortejo, os alunos de ambos os sexos do Liceu De Artes E Ofícios, à frente o respectivo estandarte. Várias Irmandades e Associações, a que pertencia o chorado morto incorporadas, acompanharam o préstito. Seguiu-se número séquito de autos e carros. Fechava o mesmo, grande massa popular, obedecendo a este itinerário: Praça Saldanha Marinho, Rua Nova, ponte da Boa Vista, ruas da Imperatriz, do Hospício e largo do cemitério. (HDBN: *Jornal do Recife*. Recife. Edição n. 242. Ano: 1927, p. 01 [Quarta-feira, 19 de outubro]).

A folha registrou a presença de várias autoridades, entre elas “o senhor governador em pessoa”, enumerou os diversos oradores, as inúmeras coroas de flores, suas respectivas mensagens e quem as endereçava e encerrou a matéria de primeira página dizendo que o jornal esteve presente em todos os momentos. (HDBN: *Jornal do Recife*. Recife. Edição n. 242. Ano: 1927, p. 01 [Quarta-feira, 19 de outubro]).

### **A Família André Gomes [da Costa]**

O pai de Feliciano André Gomes, Vicente André Gomes, era um africano livre<sup>1</sup>, nascido no ano de 1830, provavelmente na África Ocidental. Num anúncio, se identificara como Vicente André Gomes da Costa<sup>2</sup>. (HDBN: *Diário de Pernambuco*. Ed. 100. Ano: 1870, p. 04 [5ª. f. 05/05]). Este comerciante foi casado com a também africana Domingas André Gomes, nascida no ano de 1828, residentes na freguesia de São José, mais exatamente na rua de Santa Rita, com um ponto comercial. Não sabemos se Domingas era africana liberta ou se africana livre. Uma coisa é certa: não estavam mais sob a condição de escravizados, mas provavelmente não estavam livres de sofrerem discriminações pelo estigma da cor e da origem. Destacamos que os pais eram africanos porque no Brasil, de ontem e de hoje, a discriminação que recai sobre as pessoas não brancas, faz dos que têm mais melanina, “as vítimas preferenciais”. Concordamos com Oracy Nogueira: há no Brasil um preconceito de marca<sup>3</sup>. Desta forma, quanto menos miscigenadas as famílias negras de

---

<sup>1</sup> Africanos livres eram os que provavam ter chegado ao Império do Brasil após a lei de 7 de novembro de 1831. Sobre esta questão, ver Mamigonian, 2017.

<sup>2</sup> No contexto da escravidão dos africanos nas Américas, e sobretudo no Brasil, o termo Da Costa identificava genericamente os oriundos da África Ocidental, conhecida como Costa da Mina que compreendia a faixa litorânea que vai do cabo de Palmas, no atual Costa do Marfim com a Libéria, até o cabo do Gabão. O nome provém do forte de São Jorge da Mina. Ver. Lopes, 2004, p. 211.

<sup>3</sup> “De acordo com Oracy Nogueira, quando acontece um evento discriminatório por motivo racial, este ocorre por duas formas que se distinguem quanto à natureza. Para Oracy, o preconceito que prevalece no Brasil é aquele baseado no preconceito de cor, termo que se apresenta difuso na literatura relativa ao tema, porém o autor prefere nomeá-lo de

origem africana, mais discriminados.

Tiveram três filhos: Feliciano André Gomes, que se tornou bacharel em direito, político e professor; Vicente André Filho, que herdou o mesmo nome do pai, fez-se médico e ocupou vários cargos no governo da Província de Pernambuco; e Claudiano André Gomes, que, como o pai, se tornara um comerciante e estabeleceu-se no Mercado de São José. Dos três, apenas Feliciano não legara descendentes a Vicente e Domingas, conforme preza a tradição africana<sup>4</sup>.

As informações acerca dos genitores, Vicente André Gomes e Domingas André Gomes, são ainda precárias. Faremos algumas alusões a partir das fontes preliminares já mencionadas, mas é possível que haja documentos, junto a de outros africanos livres, nos inventários do Memorial da Justiça de Pernambuco, onde já tivemos a oportunidade de identificar alguns.

Encontramos a primeira pista<sup>5</sup> de Vicente André Gomes no ano de 1862, desembarcando do vapor nacional *Cruzeiro do Sul*, indo do Rio de Janeiro e portos intermediários para a capital da Província de Pernambuco (HDBN: Diário de Pernambuco. Ed. 252. Ano: 1862, p. 03 [6ª. f. 31/10]). Na época, identificado como africano livre. No mesmo vapor estava outro africano, Pedro; este na condição de liberto. Mas esta não foi a única vez que o encontramos embarcando ou desembarcando no porto do Recife. Na década de setenta, o identificamos nos seguintes vapores: Mandahú, procedente de Aracaju; Mandahú, procedente de portos do Sul; Espírito Santo, procedente do sul; Marquês de Caxias, em direção ao sul; indo e vindo da Bahia, no vapor São Salvador e Marquês de Caxias<sup>6</sup>. Estas frequentes viagens, com certeza estavam relacionadas com os seus negócios, visto que ele tinha um comércio na rua de Santa Rita, número 18 na freguesia [hoje bairro] de São José<sup>7</sup>.

Conjecturamos que ele tenha vivido algum tempo em Aracajú. As correspondências a ele remetidas no ano de 1878, e que ficaram retidas no correio local por não haver encontrado o destinatário, são as evidências que nos levaram a tal suposição. (HDBN: Jornal de Aracajú. Ed. 930. Ano: 1878, p. 04 [3ª. f. 05/03]).

A residência da família era também nas imediações da freguesia de São José, aliás, uma das freguesias mais 'africanizadas' do Recife na época, conforme o censo de 1872. (Recenseamento do Brasil em 1872<sup>8</sup>). Ele, como uma pessoa livre e de algumas posses, necessitava de uma ama, por isso colocou um anúncio no jornal. E foi também a única vez que o encontramos se identificando como da Costa: "Precisa-se de uma ama para cozinhar e lavar, pois quem quiser dirija-se à rua de Santa Rita, n. 10, em casa do Sr. Vicente André Gomes da Costa". (HDBN: Diário de Pernambuco. Ed. 100. Ano: 1870, p. 04 [5ª. f. 05/05]).

Sobre Domingas André Gomes, sabemos que era uma pessoa de referência na freguesia de São José, conforme indica a nota comentando o seu falecimento, com a avançada idade de 75 anos, e a missa de sétimo dia<sup>9</sup>. Referência não só pelo empenho que deve ter tido nos negócios após a morte do marido (enviuvara em 1880), mas sobretudo em virtude da ascensão social dos

---

preconceito de marca. Em contrapartida, nos Estados Unidos, o preconceito racial que prevalece é aquele baseado na origem". Cf.: <http://sociologiaeantropologia.blogspot.com/2012/05/resenha-de-preconceito-racial-de-marca.html>. Acesso em: 21 jul. 2020.

<sup>4</sup> Sobre a presença dos africanos libertos da Costa da África no Recife, ver Costa, 2013.

<sup>5</sup> Seguimos a metodologia sugerida por Carlo Ginzburg, qual seja, a do paradigma indiciário. Sobre esta questão, ver: Ginzburg, 1989.

<sup>6</sup> As referências foram encontradas nos seguintes jornais: HDBN: A Província. Ed. 181. Ano: 1973, p. 02 [Sab. 27/12]; A Província. Ed. 254. Ano: 1874 [6ª. f., 27/03]; *Diário de Pernambuco*. Ed. 275. Ano: 1875, p. 03 [3ª. f. 30/11]; *Jornal do Recife*. Ed. 186. Ano: 1877, p. 01 [3ª. f. 14/08]; *Jornal de Aracajú*. Ed. 930. Ano: 1878, p. 04 [3ª. f. 05/03] e *Diário de Pernambuco*. Ed. 53. Ano: 1878, p. 02 [3ª. f. 05/03].

<sup>7</sup> Em 1878, ele estava entre os que tinham pendências com o tesouro estadual, referentes aos impostos dos anos 1873/1874, no valor de 12\$080 [doze mil e oitenta réis]. HDBN: *Diário de Pernambuco*. Edição n. 140. Ano: 1878, p. 03 [4ª. f. 10/06].

<sup>8</sup> Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento\\_do\\_Brazil\\_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/Recenseamento_do_Brazil_1872/Imperio%20do%20Brazil%201872.pdf). Acesso em? 24 set. 2020.

<sup>9</sup> "[...] A cerimônia religiosa foi grandemente concorrida, tendo comparecido magistrados, jornalistas, empregados do Foro e amigos da extinta e seus dignos filhos [...]". HDBN: *Diário de Pernambuco*. Ed. 50. Ano: 1903, p. 01 [4ª. f. 04/03].

filhos, Feliciano e Vicente. Ascensão esta que não seria possível sem ela, que se tornou a provedora da família André Gomes<sup>10</sup>. Era, segundo a nota de falecimento: mãe, sogra e avó. *A Província* também noticiou o passamento da septuagenária:

Na avançada idade de 75 anos, faleceu ontem às 6 horas da tarde, vitimada por um ataque de congestão cerebral, a dona Domingas André Gomes, viúva do negociante Vicente André Gomes, e mãe dos ilustres srs. Feliciano André Gomes, advogado, e Vicente André Gomes, médico. (HDBN: A Província. Ed. 45. Ano: 1903, p. 07 [5ª. f. 26]).

Com a morte do marido em 1880, Domingas André Gomes deve ter ‘tomado as rédeas dos negócios’. Em 1885, quando os ventos do abolicionismo sopravam na cidade do Recife em diversas direções, Domingas foi uma das que se inscreveu para alforriar, através do Fundo de Emancipação, duas escravas de sua propriedade, mãe e filha: Thomazia, preta, 35 anos, casada e Valéria, 14 anos, solteira. (HDBN: Diário de Pernambuco. Ed. 137. Ano: 1885, p. 04 [5ª. f. 18/06]). Estas duas escravizadas foram libertadas quinze dias após a inscrição, pelo valor de 350\$000 [trezentos e cinquenta mil réis] e 460\$000 [quatrocentos e sessenta mil réis] respectivamente. (Diário de Pernambuco. Ed. 197. Ano: 1885, p. 03 [Domingo, 30/08]).

Vicente André Gomes, nascido no ano de 1877, dezoito anos mais novo que Feliciano, era uma criança de apenas três anos de idade quando da morte de seu pai. O irmão mais velho deve ter sido o ‘modelo’ de homem a seguir. Tanto isso é verdade, que uma das coroas de flores mencionadas pelo jornal homenageando Feliciano por ocasião da sua morte, era a de Vicente e esposa com os seguintes dizeres: “homenagem do Irmão e Maior Amigo, Eterna Dor de Vicente e Anunciada”. (HDBN: Jornal do Recife Recife. Edição n.242. Ano: 1927, p. 01 [Quarta-feira, 19 de outubro]). Ele tentou por algumas vezes ingressar na Faculdade de Direito do Recife, mas foi no curso de Medicina da Bahia onde se tornou médico, no ano de 1902. Na volta para casa, foi recebido com uma grande festa patrocinada pelo irmão, bacharel em Direito, como registrou *O Pequeno Jornal*, na coluna Fatos Diversos:

Dr. Vicente André Gomes – No vapor Alagoas, chegou anteontem da Bahia, onde, brilhantemente concluiu o seu curso de medicina, o Dr. Vicente André Gomes. Regozijado por este fato, o seu prezado irmão, Dr. Feliciano André Gomes ofereceu aos seus amigos uma festa íntima, onde reinou a maior animação. Ao Dr. Vicente, apresentamos as nossas saudações. (HDBN: Pequeno Jornal. Ed. 16. Ano: 1903, p. 01 [4ª. f. 21/01]).

Não foi a primeira nem a última vez que a família André Gomes apareceu nas notas sociais dos jornais de Recife. Encontramos outras menções aos irmãos André Gomes, quando ainda acadêmicos. A cada período de férias em que Vicente André Gomes [filho] se deslocava de Salvador para o Recife e vice-versa, era citado nas colunas sociais, destacando seu desempenho e brilhantismo na Faculdade da Bahia. Numa época em que era comum ver os africanos e seus descendentes citados nas ocorrências policiais, esta família de negros era exceção à regra. E segundo o colunista da *Revista da Cidade*, mencionado anteriormente, Feliciano “tinha orgulho de ser negro”.

Por ocasião do centenário de nascimento de Vicente André Gomes, em 1977, os jornais destacaram as diversas homenagens prestadas ao memorável médico, destacando a sua trajetória profissional. Em homenagem prestada na Assembleia Legislativa de Pernambuco, vários parlamentares fizeram referência à atuação do médico, entre eles, Honório Rocha que lembrou uma frase que, para ele, caracterizava o ‘métier’ de Vicente André Gomes: “Não se pode falar em dinheiro, antes de curar o doente”. (HDBN: Diário de Pernambuco. Ed. 75. Ano: 1977, p.15 [Domingo, 20/03]).

---

<sup>10</sup> Vicente tinha mais ou menos 03 anos de idade, quando da morte do pai, e Feliciano 21 anos. Pouco sabemos ainda sobre Claudiano André Gomes, que herdou a profissão do pai, pois que fora comerciante no Mercado São José.

Vicente atuou no campo da medicina por trinta e oito anos, destacando-se no combate às epidemias em Pernambuco no ano de 1905 e 1918, no memorável combate à gripe espanhola. Foi um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Pernambuco e um dos idealizadores do I Congresso Médico do Norte/Nordeste. Entre outros cargos, foi nomeado médico adjunto do Hospital Pedro II, em 1904; nomeado para exercer o cargo de substituto da Clínica Geral do Hospital Pedro II, em 1905; nomeado Inspetor Geral de Higiene do Estado de Pernambuco; promovido ao posto de major médico e a chefe do corpo de saúde da Força Pública em 1926<sup>11</sup>.

Vicente André Gomes contraiu núpcias por duas vezes, tendo vários filhos, entre eles Moacyr André Gomes, que seguiu a carreira do pai, além de tornar-se um político, seguindo as trilhas do tio Feliciano André Gomes. Experiências familiares compartilhadas que serviram para estruturar e fortalecer estes afro-pernambucanos numa sociedade marcada pelo racismo estrutural.

Um segundo irmão de Feliciano, Claudiano André Gomes, seguiu a profissão do pai e tinha um comércio no mercado de São José. Quando da remoção de um administrador do referido mercado, José De Mello Albuquerque Montenegro, ao que nos parece, por questões políticas, Claudiano juntou-se aos demais comerciantes e assinou um abaixo assinado em defesa da vítima<sup>12</sup>. Claudiano foi casado com Thereza de Jesus Gomes e teve os seguintes filhos: João André Gomes, Severino André Gomes e José André Gomes. Sabemos, através de jornais, da morte de Tereza no ano de 1905 quando ela já era viúva. Seu féretro saiu da residência de seu cunhado, Feliciano André Gomes, à rua Direita, nº 112, segundo andar, onde provavelmente ela morava com os filhos acima mencionados. (HDBN: Diário de Pernambuco. Recife. Ed. 246. Ano: 1905, p. 02 [3ª. f. 31/10]).

### **Feliciano André Gomes entre o Direito e o ativismo social**

Quando da morte do pai, Feliciano tinha aproximadamente vinte e um anos de idade. Por esse tempo, o encontramos entre os que se submetiam aos exames para o ingresso na Faculdade de Direito do Recife (FDR). Seu pai não o viu bacharel em Direito, tampouco assistiu seu ingresso na seleta faculdade, pois, parece não ter sido fácil o caminho em direção à mesma. O nome de Feliciano como inscrito para as provas na referida faculdade foi publicado anualmente nos jornais, entre o período de 1876 a 1884. (HDBN: Diário de Pernambuco. 28 de janeiro de 1876. Nº 22 p. 4; 13 de novembro de 1879. Nº 261. p. 2; 12 de novembro de 1880. Nº 265. p. 2. 31 de janeiro de 1881. Nº 24. p. 4; 31 de janeiro de 1882. Nº25. p. 4; 01 de fevereiro de 1883. Nº26. p.4).

Em 1885, ele já cursava o primeiro ano e foi aprovado *plenamente* na Cadeira de Direito Eclesiástico. Nos anos subsequentes, seu nome esteve junto constantemente com o dos aprovados plenamente, como atestam as notas publicadas pela secretaria do curso, no *Diário de Pernambuco*. É preciso dizer que, no ano de 1886, foi o único aluno aprovado plenamente na Cadeira de Direito Natural, havendo quatro reprovações e dois aprovados simplesmente. (HDBN: Jornal do Recife. Recife. Ed. 71. Ano: 1886, p. 01 [Domingo, 18/03]). Por essa época, já escrevia e era orador em eventos. Esteve na inauguração do *Clube Marcelino Cleto*, uma sociedade musical e fez uso da palavra como orador (HDBN: Jornal do Recife. Recife. Ed. 215. Ano: 1883, p. 01 [4ª. f. 19/09]); ofereceu à redação do *Jornal do Recife*, em 1884, um folheto com poesias, onde constava uma de sua autoria, intitulada *Aparências*. A redação agradeceu publicamente em dezembro daquele ano.

---

<sup>11</sup> As nomeações e promoções constam nas edições: HDBN: *Jornal do Recife*. Recife. Ed. 116. Ano: 1904, p. 01 [4ª. f. 25/05]; *Jornal do Recife*. Recife. Ed. 14. Ano: 1905, p. 01 [4ª.f., 18/01]; *Jornal do Recife*. Recife. Ed. 53. Ano: 1905, p. 02 [Domingo, 05/03]; *Jornal do Recife*. Recife. Ed. 192. Ano: 1905, p. 01 [Sab. 26/08]; *Jornal do Recife*. Recife. Ed. 242. Ano: 1926, p. 02 [Domingo, 17/10].

<sup>12</sup> O manifesto foi assinado por sessenta e sete comerciantes. E o conteúdo atesta que o administrador fora vítima de perseguição: “[...] Os signatários desta simples manifestação, tendo justos motivos para crerem que a remoção de V.S. não foi ato inspirado por omissão, inércia e negligência, ou outra qualquer falta que a exigisse, visto como está, na consciência de todos os caracteres o respeito, o método, a forma justiceira e modo restritivo que sempre infundiu e desempenhou nas suas atribuições dentro ou fora deste mercado.[...] Senhor! Nós abaixo assinados funcionário do Mercado São José, não ostentamos hoje, senão recordações gratas e pura de uma administração digna e sem exemplos nos anos de sua existência [...]”. (HDBN: Jornal do Recife. Recife. Ed. 41. Ano: 1887, p. 02 [Domingo, 20/02])

(HDBN: Jornal do Recife. Recife. Ed. 281. Ano: 1884, p. 01 [6ª. f. 05/12]).

Acostumado com a cultura letrada, antes de ingressar na FDR, Feliciano André Gomes percorreu um caminho comum à mocidade de sua época, a imprensa. Lançou, em 4 de junho de 1884, junto com alguns amigos e com o apoio de alguns professores do Curso Preparatório para a Faculdade de Direito do Recife, um jornal chamado *A Erudição*.<sup>13</sup> Em sua apresentação, os moços afirmavam que o nome do jornal chamava para eles a responsabilidade de “demonstrar todo um complexo dos conhecimentos possíveis à humanidade ou simplesmente o saber literário em todos os gêneros.” (CEPE Digital. *A Erudição*. 1 de junho de 1884. Nº 1. p.1). Apesar do título da folha, os moços não queriam, segundo suas palavras, se arvorarem eruditos e afirmavam que “uma grande erudição é muitas vezes a máscara da esterilidade do gênio”. Proclamavam a sua grande missão, a solução do grande problema – *Instrução a todas as camadas sociais*. (CEPE Digital. *A Erudição*. 1 de junho de 1884. Nº 1. p. 1).

Feliciano André Gomes era um defensor da democratização do ensino e em um de seus poemas, intitulado *O Livro*, dedicou ao acadêmico Matheus Júnior estes versos:

O livro é alphanço novo  
Que posto na mão de um povo  
Conquista a vasta amplidão...

Com elle, vós, mocidade  
Nas auras da liberdade  
Espalhae – luz e instrução.  
Quando o livro fulgente

Da mão se infiltra na mente  
Com fogo e animação:  
As letras se vivificam,  
As artes se purificam  
Nas plagas da ilustração.

Com elle surge constante  
Luzeiros iguais a Dante,  
A Espronceda e Camões;  
Pois d’elle jorram mil fontes  
Aonde se fartam os Comtes,  
Os Mirabeaus e Platões.

É elle, emfim, o tesouro,  
Mais nobre que a perola e ouro  
Espalhado ás multidões:  
Com elle nós brasileiros  
Seremos só os primeiros  
Entre as altivas nações! (CEPE Digital. *A Erudição*. 28 de junho de 1884. Nº 2. p. 4).

Já na edição de lançamento, Feliciano André Gomes começou um artigo para a coluna *Sciencia e Arte*, que foi escrito por muitas mãos.<sup>14</sup> Os autores procuravam demonstrar o desenvolvimento científico das nações europeias, ditas “civilizadas” e como este desenvolvimento chegava até o Brasil. André Gomes fez um resumo dos trabalhos de alemães como Kant, Fichte, Shopenhauer, Schelling, Haechel, dos franceses Comte, Littré, Girardin e dos ingleses Darwin e Hebert Spencer, afirmando que, “o humilde escritor destas linhas não tem por fim expor largamente sobre as obras destes grandes pensadores, e sim mostrar *per summa capita* (por alto) alguns

<sup>13</sup> A *Erudição* tinha em sua redação: Paulo Antigonio, Pedro Mello, Sabino Júnior, André Gomes e Roberto Guimarães e como colaboradores o Dr. Clodoaldo Lopes, professores Conceição Pessoa e José Nunes, Tertuliano Guimarães e Primo de Athayde. CEPE Digital. *A Erudição*. 1 de junho de 1884. Nº 1. p. 1.

<sup>14</sup> O estudante Pedro Mello deu continuidade ao artigo na edição nº 3. CEPE Digital. *A Erudição*. 11 de julho de 1884. Nº 1. p. 3

trabalhos importantes que se acham em seu alcance. (CEPE Digital. A Erudição. 1 de junho de 1884. Nº 1. p. 1).

Aqui, podemos ver alguns dos autores que influenciaram a formação inicial do ainda estudante André Gomes. Muitas das obras que serviriam para a formação dos bacharéis em Direito já estavam sendo acessadas por ele, talvez desde seus anos iniciais como concorrente a uma vaga na FDR em 1876.<sup>15</sup>

Com muita propriedade, Feliciano falou de Kant e de suas obras *Crítica da razão pura* e o *Princípio Metafísico do Direito*, sobre a teoria da personalidade de Fichte, sobre a teoria da vontade e da representação de Shopenhauer, sobre Haechel e seu pioneirismo na divulgação das ideias darwinistas na Alemanha em sua obra *Morphologia dos organismos*, onde o naturalista tratava do dualismo e do monismo. Sobre Comte, chamou-o de “a primeira cabeça que a França produziu no século XIX”; falou da sua teoria que “acomodou os fenômenos sociais ao methodo objetivo” e “deu-nos a verdadeira classificação das sciencias encaminha(ndo) a evolução humana dando a religião das religiões.” Ao finalizar sua parte, tratou ainda das ideias de Darwin, “ilustrado naturalista inglês, que, com sua teoria Darwiniana, abriu uma nova phase aos estudos dos seres”. Citou a obra, a que provavelmente só teve acesso em inglês, *On the origin of espécies by means of natural selection* (1859), resumindo a seleção natural. De Hebert Spencer disse que, além de ser muito conhecido na Europa e na América do Norte, era um dos mais conhecidos entre nós. E mostrava ter ciência de suas ideias: citando *Statica Social* (1850) assim resumiu seu conteúdo: “a primeira e segunda partes tratavam da moral, a terceira do Estado ou da política e a quarta sobre o Progresso.” (CEPE Digital. A Erudição. 1 de junho de 1884. Nº 1. p. 1-2).

Os candidatos à FDR precisavam estar atentos às ideias dos pensadores europeus que passavam pelas escolas alemã, francesa e inglesa, analisando e reinterpretando as teorias positivistas evolucionistas e darwinistas sociais desde pelo menos a década de 1870, segundo Ângela Alonso<sup>16</sup>. Ao tecerem uma crítica à escravidão, a maior parte dos acadêmicos amparavam suas justificativas em teorias europeias que pregavam a degeneração e a desordem das raças na sociedade brasileira, fruto da escravidão e do contato sexual “desregrado” entre “as três grandes raças”. Longe de absorverem tudo, muitos deles, como deve ter sido o caso de Feliciano André Gomes, adaptavam as filosofias do momento para justificarem suas críticas à Escravidão, à Monarquia, à Igreja e, no caso do objetivo principal d’A *Erudição*, ao tratamento que o Estado dispensava à sociedade brasileira acerca da educação.<sup>17</sup> O leitor pode achar estranho que um negro descendente de africanos defendesse ou se utilizasse de determinadas teorias para criticar a escravidão, mas não havia contradição naquele momento entre ser abolicionista, darwinista social e positivista. O próprio processo de ingresso para o curso de Direito exigia que os alunos tivessem conhecimento dessas teorias e as instrumentalizassem juridicamente. Apesar de que, socialmente falando, muitos desses estudantes, em sua maioria homens brancos e membros da elite econômica,

---

<sup>15</sup> Outro Acadêmico negro, Ribeiro da Silva é descrito como “moreno feio” por um amigo seu que escreveu algumas notas bibliográficas sobre ele. Ribeiro Silva começou sua vida literária com escritos dramáticos e segundo seu amigo tinha uma queda pelo teatro. É descrito como um evolucionista, estudou na Faculdade de Direito do Recife, chegando a fundar a Emancipadora Pernambucana e atuando como presidente da associação quando ainda era estudante de Direito. Colaborou como redator no Etna, na Gazeta de Notícias e no Jornal do Recife. Escreveu pelo menos um drama de propaganda abolicionista chamado Os Escravocratas. Na descrição que faz dele, o seu amigo o chama de abolicionista moderado, pois, segundo ele, em termos de política era conservador demais. HDBN: O Binóculo: Publicação Semanal. 10 de novembro de 1883. Nº 45. p. 4.

<sup>16</sup> Ângela Alonso defende a ideia de que, no final do Império, um grupo de letrados marginalizados pelo sistema passaram a contestar o regime monárquico. Apesar de ser heterogêneo, as suas condições de marginalizados na política os unia e formou o que se convencionou chamar de “geração 70”. Ver Alonso, 2002.

<sup>17</sup> Segundo Maria Tereza Chaves de Mello, “na década destacada (1880), havia um denominador comum entre os dois vocábulos: o darwinismo social, filosofia amplamente difundida no meio culto. E, nesse caso, mérito é um termo mais contemporâneo porque supõe a luta pela vida e a vitória dos mais fortes. Regime do talento ou do mérito, a República era o regime das oportunidades para todos os letrados alijados das oportunidades públicas na quadra final da monarquia. Daí que muitos destes homens aderissem a um ideal republicano na esperança de oportunidades melhores. Ver Mello, 2011. p. 130.



tinham uma visão específica do lugar que os negros libertos deveriam ter no Brasil do futuro.<sup>18</sup> Algo que deveria afetar até mesmo homens negros livres e intelectuais como André Gomes<sup>19</sup>.

Antes, durante e depois da Faculdade, Feliciano André Gomes esteve envolvido com as reivindicações do seu tempo, as notas de jornais dão conta da sua participação em diversos eventos sociais reivindicativos ou de homenagem a alguém envolvido com eles, sobretudo com referência ao movimento abolicionista. Participou, no sábado, 15 de setembro de 1883, da fundação da sociedade musical denominada *Club Marcellino Cleto*, juntamente com o próprio Cleto, Joaquim Audifax, Maximiniano da Silva, Fortunato Guimarães e o Dr. Afonso Olindense. Feliciano foi um dos oradores. (HDBN: Jornal do Recife. Recife. Edição. 215. Ano: 1883, p. 01 [4<sup>a</sup>. f. 19/09]). O nome do clube foi dado em homenagem ao professor e maestro Marcelino Cleto Ribeiro de Lima, que esteve presente no evento. Aliás, tivemos a ocasião de encontrar muitos elogios a ele e sua orquestra, nas edições anteriores à da fundação da Sociedade: *hábil e conspícuo* foram alguns dos adjetivos a ele dirigidos. A mesma Sociedade ainda estava viva durante a República e se fez presente na festa de primeiro aniversário do Núcleo dos Operários, juntamente com outras sociedades de auxílio mútuo, tais como: Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais, Monte Pio Bom Sucesso, União Tipografia, União Beneficente dos Trabalhadores, Núcleo Artístico Instrutivo, Liga Operária Palmarense Quipapá etc. (HDBN: Jornal do Recife. Recife. Edição n. 246. Ano: 1891, p. 02 [5<sup>a</sup>. f. 29. 10]).

Na véspera da Abolição, em meio ao calor das disputas políticas entre Joaquim Nabuco e Machado Portella, em setembro de 1887, um grupo, chamado *Núcleo Artístico Abolicionista*, foi formado em sua maioria por homens negros artistas como David Francisco Gentil (carpinteiro e cocheiro) (HDBN: Jornal do Recife. Recife. Edição n. 160. Ano: 1884), Eleutério José dos Santos (marceneiro) (HDBN: Jornal Pequeno. Recife. Edição n. 229. Ano: 1904, p. 2) Luiz Francisco das Chagas (alfaiate)<sup>20</sup> e por acadêmicos e professores negros, como Manoel da Motta Monteiro Lopes<sup>21</sup>, Feliciano André Gomes e Euthimio Manoel do Bomfim.<sup>22</sup> Feliciano foi eleito o 1º orador do *Núcleo*. Estes homens negros, com uma vasta experiência associativa e mutualista, abriram mais uma frente contra a escravidão em Pernambuco, dividindo o apoio político que os conservadores tinham por parte da classe dos artistas. Todos os membros do corpo administrativo da instituição, incluindo André Gomes, estavam alistados como eleitores e certamente seus votos não foram no candidato da ordem, optando eles pelo candidato abolicionista Joaquim Nabuco<sup>23</sup>.

Esta sociedade, apesar de ter surgido às vésperas da Abolição oficial, serviu para

---

<sup>18</sup> Numa Conferência Abolicionista promovida pela Sociedade Ave Libertas em 25 de março de 1885, o republicano e abolicionista Fernando de Castro Paes Barreto pronunciou um discurso onde estabelecia os princípios dos acadêmicos abolicionistas. Valendo-se das correntes positivistas, afirmava que na sociedade escravista “o indivíduo transformado em escravo seria obrigado a isolar-se e a lutar, sozinho, contra a natureza em sua totalidade”, permanecendo num estágio primário de civilização. O ex-escravo, o cidadão negro liberto, certamente teria seu lugar na República que estava por vir, imaginada pelo positivista, mas deveria cumprir seus deveres para com a “ordem social”, caso contrário, seria um fardo, forjado pela escravidão, que, na visão de Fernando de Castro deveria ser combatido, para não ser carregado pelas gerações futuras. ACERVO DIGITAL DA USP BRASILIANA BARRETO. Fernando de Castro Paes. Conferência Abolicionista no Teatro de Santa Isabel a 25 de março de 1885 mandada publicar pela Ave Libertas. Pernambuco: Tip. Apolo, 1885. p. 35.

<sup>19</sup> Israel Ozanan afirmou que as ideias preconceituosas dos republicanos positivistas acerca da população negra foram infundidas e disseminadas até mesmo nas mentes de abolicionistas radicais como Aníbal Falcão, que escreveu sobre o *caráter fetichista da inteligência do negro*. Ozanam, 2013. p. 77-78.

<sup>20</sup> Luiz Francisco das Chagas tinha duas lojas de alfaiataria, uma na rua das Trincheiras nº 27 e outra no Largo de São Pedro nº 1. HDBN: Diário de Pernambuco. 10 de agosto de 1882. Nº 181. p. 5; 17 de outubro de 1884. Nº 240. p. 4. Ele era membro do Monte Pio Popular Pernambucano. HDBN: Jornal do Recife. 18 de novembro de 1884. Nº 266. p. 1. Com o advento da República, Chagas se tornou subdelegado. HDBN: Jornal do Recife. 12 de outubro de 1889. Nº 232. p. 2

<sup>21</sup> Para saber mais sobre Monteiro Lopes ver: Dantas, 2010; Domingues, 2013.

<sup>22</sup> Os representantes do Núcleo Artístico Abolicionista eram: Presidente, Sabino José Santos Júnior, vice, Luiz Francisco das Chagas, 1º secretário, David Francisco Gentil; 2º secretário, Manoel da Motta Monteiro Lopes; 1º orador, Feliciano André Gomes; 2º orador, professor Euthimio Manoel do Bomfim; Tesoureiro, Eleutério José dos Santos e Procurador, Benedicto Augusto dos Santos. HDBN: Jornal do Recife. 13 de setembro de 1887. Nº 207. p. 2; 14 de setembro de 1887. Nº 209. p. 1.

<sup>23</sup> David Gentil e Luiz das Chagas aparecem listados como eleitores do 1º Distrito em 1885. Diário de Pernambuco. 23 de outubro de 1885. Nº 242. p. 3. HDBN: Jornal do Recife. 11 de janeiro de 1885. Nº 8. p. 2. Eleutério José dos Santos já aparece como eleitor desde 1882. HDBN: Diário de Pernambuco. 18 de junho de 1882. Nº 138. p. 3.

desconstruir a imagem que alguns abolicionistas, como o próprio Nabuco, tinham de que a população negra livre não se preocupava com a condição dos seus “irmãos de cor”<sup>24</sup>. Apesar das preocupações mais imediatas dos artistas serem os seus direitos, as suas condições de trabalho e de vida, na visão de muitos daqueles homens negros, enquanto a escravidão existisse, eles seriam prejudicados. A escravidão estigmatizava o trabalhador negro, sendo imprescindível para eles a abolição como um dos primeiros passos para a independência do trabalhador negro livre.<sup>25</sup>

Falecido em 1911, com 64 anos de idade, o vice-presidente do *Núcleo*, Francisco das Chagas foi lembrado como pertencente a “falange dos antigos abolicionistas, dos muito estimados” (HDBN: Jornal Pequeno. Recife. Edição n. 64. Ano: 1911, p. 2). O carpinteiro David Francisco Gentil foi o primeiro presidente da *Liga Operária Pernambucana* fundada em junho de 1886 (HDBN: Jornal do Recife. Recife. Edição n. 135. Ano: 1886, p. 01), José Eleutério dos Santos lutava, desde 1882, junto com outros artistas, pela nacionalização do comércio de cabotagem, controlado pelas companhias estrangeiras, que, na visão da classe, tanto prejudicava os interesses dos “trabalhadores nacionais” (HDBN: Diário de Pernambuco. 18 de junho de 1882. Nº 138. p. 3). Consumada a abolição, estes homens readequaram suas demandas, transformando o *Núcleo Artístico Abolicionista* no *Núcleo Artístico Instrutivo* e tomando como exemplo o movimento abolicionista<sup>26</sup>, continuaram a utilizar o repertório do associativismo negro<sup>27</sup> para melhorar suas condições de vida e trabalho. (HDBN: Diário de Pernambuco. Recife. Edição n. 196. Ano: 1888, p. 02). Instrução e trabalho digno eram suas duas principais pautas, desconstruindo a imagem racista de que a população negra era preguiçosa, vadia e tendenciosa à criminalidade.

Podemos parafrasear o que Petrônio Domingues afirmou sobre Manoel da Motta Monteiro Lopes, e dizer que, longe de constituírem uma imagem de alienação, subalternidade e anomia social, estes representantes negros do abolicionismo mostravam como os descendentes da diáspora africana foram versáteis e, dentro do possível, “apropriaram-se da retórica republicana de direitos universais, cidadania e igualdade para fazer valer seus projetos, anseios e ideais, e conquistar (ou ampliar) direitos e redefinir sua posição na sociedade”. (DOMINGUES, 2013. p. 81)

Assim que a lei 13 de maio foi sancionada, os africanos do Recife, representados por Feliciano André Gomes e Manoel da Mota Monteiro Lopes, foram cumprimentar o Presidente da Província. André Gomes e Monteiro Lopes ainda falaram para o povo da varanda do Palácio. De lá foram para a rua do Vigário, na freguesia do Recife, onde o médico-abolicionista Barros Sobrinho tinha um consultório e João Ramos um escritório, agradecer aos dois líderes abolicionistas por todo auxílio prestado na causa (HDBN: Jornal do Recife. 20 de maio de 1888. Nº 114. p. 4). Barros Sobrinho e João Ramos fundaram duas das principais sociedades emancipacionistas de

---

<sup>24</sup> Em janeiro de 1886, ao reclamar sobre a sua depuração com Allen, Nabuco criticou o governo e o eleitorado, alegando que a maioria dos votos que obteve o candidato conservador era devido à pressão do governo sobre os empregados públicos, que formam uma grande parte do pequeno eleitorado desta cidade, e às promessas de emprego distribuídas profusamente entre as classes pobres do nosso povo, enquanto os grandes senhores de escravos obrigavam a todos aqueles que deles dependessem a votar contra mim; e os pretos, que são numerosos, não eram todos fieis a nossa causa e votaram em grande número pela bandeira da escravidão [...] (NABUCO, 2003. p. 79-80).

<sup>25</sup> Marcelo Badaró analisou um grupo de padeiros livres que promoveram diversas greves juntamente com escravizados até 1888 e que, após a abolição, procuraram reafirmar sua condição de “homens livres” ao criar uma Sociedade Cooperativa dos Empregados em Padarias no Brasil, com o lema “Trabalhar para nós mesmos”. O grupo chegou a reunir 400 sócios, segundo Badaró, e tinha a intenção de adquirir padarias para os filiados poderem tocar sua vida. Para Badaró, muitos daqueles homens se consideravam “escravizados livres” e entendiam que ser livre era trabalhar para si mesmos, compartilhando desta “visão de liberdade” com os escravizados. (MATTOS, 2009). Ver Mattos, 2007.

<sup>26</sup> Uma das primeiras ações do Núcleo em 1889 foi organizar uma festa em homenagem ao 13 de maio. HDBN: Jornal do Recife. 28 de abril de 1889. Nº 95. p. 3.

<sup>27</sup> Petrônio Domingues cunhou o termo “associativismo negro” para definir a atuação da “população de cor” nas associações fundadas e administradas por ela no Rio de Janeiro. Domingues demonstrou que as instituições tinham ideias parecidas, voltadas, muitas delas, para o enfrentamento do racismo, serviam como espaço de ampliação de acesso aos direitos da cidadania, tão negados à população negra associada a um passado escravista. (DOMINGUES, 2014)

Pernambuco. O primeiro fundou o Club Abolicionista<sup>28</sup> e foi seu presidente durante toda sua existência; o segundo, além de ter fundado a Sociedade Nova Emancipadora<sup>29</sup>, fundou o Clube do Cupim, a instituição subterrânea, extralegal, responsável por acoitar e auxiliar os escravizados que optavam pela fuga ao invés de esperarem ou negociarem sua alforria. João Ramos não se encontrava, mas Barros Sobrinho agradeceu por ele e pelo amigo, prometendo recordar sempre aquela manifestação de apreço. Por último, os africanos enviaram um telegrama ao Conselheiro João Alfredo, felicitando-o pela aprovação da lei. Alfredo agradeceu a André Gomes e Monteiro Lopes com outro telegrama. (HDBN: *Diário de Pernambuco*. Recife. Edição: 118. Ano: 1888, p. 2).

No ano da abolição, Feliciano André Gomes ainda estava no quarto ano do curso de Direito, mas sua experiência, participação e militância já era reconhecida tanto pelos artistas, que lhe chamaram para ser orador do Núcleo Artístico Abolicionista, quanto pelos africanos, que representou e pelos membros dos mais altos escalões do Estado imperial. (HDBN: *Diário de Pernambuco*. Recife. Edição n. 281. Ano: 1888, p. 3). Era um homem intermediário, porta voz dos interesses dos de baixo, reconhecido pelos de cima.

Como dissemos, no imediato pós-abolição, os artistas mudaram o nome da instituição para Núcleo Artístico Instrutivo, sendo Eleutério José dos Santos eleito o seu primeiro presidente. André Gomes continuou como orador e falou sobre a necessidade de uma organização artística para lutar pelos direitos dos “trabalhadores nacionais”. Luiz Francisco das Chagas também falou, pedindo aos artistas que não desanimassem nesta nova fase da luta, que só estava começando. (HDBN: *Diário de Pernambuco*. Recife. Edição n. 1962. Ano: 1888, p. 02). As práticas associativas e mutualistas da população de pretos e pardos, tomando os termos mais utilizados por estas pessoas à época, remontam do período colonial e foram sendo, cada vez mais, estruturadas, principalmente a partir da construção política do Império e em seguida na República. Trabalhadores negros adaptaram-se e fortaleceram alianças para se fazerem representar na sociedade brasileira escravista, adotando as associações religiosas e leigas como canais de sobrevivência e reprodução dos seus interesses políticos, econômicos e sociais, criando todo um repertório histórico de experiências e agências. (MAC CORD, 2005; 2009; 2010) Abolida a escravidão, a luta destes homens não poderia diminuir ou parar, como frisou Francisco das Chagas. E não parou, pois eles continuaram participando de atividades ligadas às comemorações do 13 de maio de 1888 e de outras questões políticas e sociais daquele momento. (SOUZA, 2018; 2020)

André Gomes, Monteiro Lopes, Leonor Porto e Barros Sobrinho organizaram, em julho de 1888, juntos com a colônia africana em Pernambuco, representada por Frederico Albadeth e Cassiano Fernando, um *Te Deum* na igreja de Nossa Senhora do Rosário, localizada na freguesia de Santo Antônio, em homenagem a lei de 13 de maio de 1888. O *Te Deum* contou com a participação do Monte Pio Popular Pernambucano e da Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais. (HDBN: *Diário de Pernambuco*. Recife. Edição n. 172. Ano: 1888, p. 02). Na celebração do terceiro aniversário da abolição da escravidão, realizada pelo Núcleo Artístico e Instrutivo, na sede situada no Pátio do Mercado, número 13, primeiro andar, lá estava Feliciano como orador oficial do

---

<sup>28</sup>Antônio de Barros Sobrinho, além de ter sido presidente do Clube abolicionista, foi presidente da Comissão Central Emancipadora do Recife e um importante membro do Club do Cupim, tesoureiro do Clube a partir do ano de 1885, alcu-nhado São Paulo. Barros Sobrinho era médico, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia e além de exercer sua profissão no hospital D. Pedro II, atendia também em sua residência e ensinava inglês no Curso Anexo à Faculdade de Direito do Recife, servindo como examinador das provas de Geografia e História também. O Dr. Antônio Joaquim de Barros Sobrinho aparece como representante do Club Abolicionista desde o ano de sua fundação em 1880, tendo sido um dos mais relevantes líderes do movimento abolicionista em Pernambuco. HDBN: *Jornal de Recife*, 4 de fevereiro de 1880. Nº27. p.2; *Jornal do Recife*. 8 de março de 1880. Nº55. p.2; *Jornal do Recife*. 19 de agosto de 1880. Nº190. p.1; *Jornal do Recife*. 3 de setembro de 1881. Nº200. p. 4. (CASTILHO, 2016. p. 146).

<sup>29</sup>Segundo Celso Castilho e Camilla Cowling, “no Recife, a mobilização abolicionista local começou também por volta do momento em que Nabuco formou sua Sociedade Brasileira. O Club Abolicionista do Recife, por exemplo, foi estabelecido por alunos da Escola de Direito em 11 de agosto de 1880, data do aniversário da fundação da instituição. Seis semanas depois, um grupo de comerciantes médios fundou a Sociedade Nova Emancipadora que, ao lado do Club Abolicionista, iniciou o desenvolvimento de um movimento abolicionista no início da década de 1880 no Recife. (CASTILHO, 2013, p. 169).

referido Núcleo. (HDBN: Jornal do Recife. Recife. Edição n. 116. Ano: 1891, p. 02). Também o encontramos nas celebrações referentes ao Primeiro de Maio, nos salões do Liceu de Artes e Ofícios. (HDBN: Jornal do Recife. 02 de maio de 1895. Nº 99. p. 1).

Todavia, nem sempre a intermediação de Feliciano André Gomes foi vista como positiva por todos os trabalhadores que eram representados pelo tribuno. Na grande greve dos funcionários da Ferro Carril, em fevereiro do ano de 1908, foi ele o advogado dos grevistas, e conseqüentemente foi uma das vítimas das troças carnavalescas daquele ano:

[...] – Engraçado aquele que ali vem...  
Bonito traje...  
- Veste de Trevas  
Oh! Dégas de minha escola  
Povos, povas, dames, homes,  
Olhai pra aqui, o pachola  
Feliciano André Gomes!

Eu grevista dou a nota  
Do carnaval, da Revista...  
Além de bello e janota  
Sou grevista! [...] (HDBN: Jornal do Recife. Recife. Ed. 51. Ano: 1908, p. 01 [Domingo, 1º. de março]).

A marchinha de carnaval aponta para o descontentamento de um segmento dos trabalhadores com o resultado da negociação mediada pelo advogado Feliciano. Aliás, um dos descontentes já havia se manifestado no âmbito do movimento, ao dirigir-se aos representantes da imprensa, que assim reproduziu o desabafo: “Alguns dos paredistas, com quem conversámos, disseram-nos que o ponto principal da questão era: o pagamento de ordenado, o que não lhes foi satisfeito. Um deles chegou a dizer-nos: ‘domingo de carnaval vem aí! [...]’”. (HDBN: Jornal do Recife. Recife. Edição: 50. Ano: 1908, p. 01 [Sábado, 29.02]). Por outro lado, Feliciano conseguiu que não houvesse demissão dos líderes do movimento, a extinção das multas e a conquista de outras cláusulas não econômicas; mas, ao que nos parece, não foi o suficiente para atender o desejo de todos os trabalhadores da referida empresa.

Filho de africano livre, Feliciano teve presença constante na *Confraria de Nossa Senhora do Rosário* da freguesia de Santo Antônio. Quando de seu falecimento, a referida Confraria reuniu-se e decidiu oferecer a igreja para depositar o cadáver daquele que fora irmão e benfeitor da mesma. (HDBN: Jornal do Recife. 11 de outubro de 1927. Nº 235. p. 1).

Figura 1 – Deputado Feliciano André Gomes



Fonte: HDBN. Jornal do Recife. 12 de outubro de 1927. Nº 236. p. 01.

## “Um homem invisível”: à guisa de conclusão

Como esclarecemos no título deste artigo, não tivemos a pretensão de cerrar as portas da investigação sobre a vida deste tribuno negro, pelo contrário, nosso propósito foi tão somente dar uma visibilidade mínima, abrir as portas a este senhor que, como tantos outros intelectuais negros sofreu e lutou contra o racismo e contra as diversas tentativas de invisibilização histórica. É verdade que, com o advento dos estudos sobre o pós-abolição e com a perspectiva teórica e metodológica da História Social da Escravidão no Brasil, sobretudo a partir da segunda metade dos anos oitenta do século XX e de uma História Social da Liberdade, potencializada pelo campo dos estudos de Emancipações e Pós-Abolição ‘novos personagens entraram em cena’<sup>30</sup>, este artigo é uma modesta contribuição.

No caso específico de Feliciano André Gomes, o objetivo, como já mencionamos, foi apresentar dados preliminares de uma pesquisa que se encontra em desenvolvimento, e que nos revelou, até o presente momento, que, além dele, seu irmão Vicente André Gomes, que se tornou médico, seus filhos, netos e bisnetos, ascenderam socialmente, aproveitando-se dos canais abertos pelas associações e pelas instituições educacionais, seguindo os passos tanto de Feliciano, quanto do seu irmão Vicente.

A ação de Feliciano André Gomes, que chega a ser comparado por seus alunos a um “branco”, demarca a sua luta por ocupar espaços que historicamente estavam reservados para aquela parcela da população e, conseqüentemente, o seu sucesso. O advogado representante dos escravizados e dos africanos, posteriormente dos “trabalhadores nacionais”, circulou e dialogou tanto com “homens de cima” quanto “de baixo”. Devido a sua influência e atuação circular nos diversos espaços de poder à época – *FDR, Liceu de Artes e Ofícios, Núcleo Artístico Abolicionista, Assembleia Legislativa de Pernambuco*, etc. – Feliciano André Gomes conseguiu não somente se estabelecer como uma liderança negra na sociedade pernambucana como ajudar sua família na mesma empreitada.

Da documentação investigada até o momento, com ênfase nos periódicos, fica evidenciado que, não tendo filhos, Feliciano deu apoio incondicional aos seus sobrinhos, João André Gomes, Severino André Gomes e José André Gomes, filhos de Claudiano André Gomes e Tereza de Jesus Gomes. Mas esta questão será desenvolvida ao aprofundarmos as investigações apenas iniciadas acerca desta família de descendentes do casal formado pelo africano livre Vicente André Gomes [da Costa] e pela liberta, Domingas André Gomes, por nós denominados Homens de Ébano.

### Fontes

*A Província*. Recife. Edição n. 238. Ano: 1927.

*A Província*. Recife. Ed. 181. Ano: 1973.

*A Província*. Recife. Ed. 254. Ano: 1874.

*A Província*. Recife. Ed. 45. Ano: 1903.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 100. Ano: 1870.

---

<sup>30</sup> Para aprofundar mais sobre a questão aconselhamos a leitura dos seguintes trabalhos: RIOS, Maria Rios. MATTOS, Hebe Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *Topoi*, v. 5, n. 8, p. 170-198, 2004. PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Escritos de Liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil Oitocentista*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018; DOMINGUES, Petrónio; GOMES, Flávio dos Santos (org.) *Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014. GOMES, Flávio dos Santos. DOMINGUES, Petrónio (org.). *Da nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. SANTOS, Júlio César Pereira dos. *“Preto no branco”: a trajetória do paraibano Elyseu Elias César no pós-abolição brasileiro (1871-1923)*. Dissertação de mestrado. UFPE, Recife. 2019.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 275. Ano: 1875.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 53. Ano: 1878.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 252. Ano: 1862.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 75. Ano: 1977.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 100. Ano: 1870.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 137. Ano: 1885.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 197. Ano: 1885.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 100. Ano: 1870.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 100. Ano: 1870.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 50. Ano: 1903.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 246. Ano: 1905.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 138. Ano: 1882.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 18. Ano: 1882.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 138. Ano: 1882.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 196. Ano: 1888.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 118. Ano: 1888.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 281. Ano: 1888.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 196. Ano: 1888.

*Diário de Pernambuco*. Recife. Ed. 172. Ano: 1888.

*Jornal do Recife*. Recife. Edição n. 246. Ano: 1927.

*Jornal do Recife*. Recife. Edição n. 242. Ano: 1927.

*Jornal do Recife*. Recife. Edição n. 236. Ano: 1927.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 41. Ano: 1887.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 186. Ano: 1877.

*Jornal do Recife*. Recife. Edição n. 242. Ano: 1927.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 71. Ano: 1886.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 215. Ano: 1883.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 281. Ano: 1884.

*Jornal do Recife*. Recife. Edição. 215. Ano: 1883

*Jornal do Recife*. Recife. Edição n. 246. Ano: 1891.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 160. Ano: 1884.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 266. Ano: 1884.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 232. Ano: 1889.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 08. Ano: 1885.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 207. Ano: 1887.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 209. Ano: 1887.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 114. Ano: 1888.

*Jornal de Recife*. Recife. Ed. 27. Ano: 1880.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 55. Ano: 1880.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 190. Ano: 1880. 19 de agosto de 1880. Nº 190.

*Jornal do Recife*. 3 de setembro de 1881. Nº 200.

*Jornal do Recife*. Recife. Edição n. 116. Ano: 1891.

*Jornal do Recife*. Recife. Ed. 51. Ano: 1908.

*Jornal do Recife*. Recife. Edição: 50. Ano: 1908.

*Jornal de Aracajú*. Aracajú. Ed. 930. Ano: 1878.

*Jornal de Aracajú*. Aracaju. Ed. 930. Ano: 1878.

*Jornal Pequeno*. Recife. Ed. 16. Ano: 1903.

*Jornal Pequeno*. Recife. E. 229. Ano: 1904.1.

*Jornal Pequeno*. Recife. Ed. 64. Ano: 1911.

## **Sites**

ACERVO DIGITAL DA USP BRASILIANA BARRETO. Fernando de Castro Paes. Conferência Abolicionista no Teatro de Santa Isabel a 25 de março de 1885 mandada publicar pela Ave Libertas. Pernambuco: Tip. Apolo, 1885.

CEPE Digital. A Erudição. 1 de junho de 1884. Nº 1.

CEPE Digital. A Erudição. 11 de julho de 1884. Nº 1.

CEPE Digital. A Erudição. 28 de junho de 1884. Nº 2

JORNAL DO RECIFE (PE) – 1858-1938. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%22Feliciano%20Andr%C3%A9%20Gomes%22&pasta=ano%20192&pagfis=101891>. Acesso em: 03 ago 2020.

REVISTA DA CIDADE, n. 47, 1927. Disponível em: [https://www.fundaj.gov.br/geral/didoc/revistadacidade/revista\\_da\\_cidade\\_1927\\_n047.pdf](https://www.fundaj.gov.br/geral/didoc/revistadacidade/revista_da_cidade_1927_n047.pdf). Acesso

em: 20 jul. 2020.

## Referências

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 70 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTILHO, Celso Thomas. *Slave Emancipation and Transformations in Brazilian Political Citizenship*. University of Pittsburgh, Pittsburgh. 2016.

CASTILHO, Celso; COWLING, Camillia. Bancando a liberdade, popularizando a política: abolicionismo e fundos locais de emancipação na década de 1880 no Brasil. *Afro-Ásia*, n. 47, p. 161-197, 2013.

COSTA, Valéria Gomes. *Trajetórias Negras: Os libertos da Costa d'África no Recife (1846-1890)*. Salvador: Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. História, 2013.

DANTAS, Carolina Vianna. *Monteiro Lopes (1867-1910): um 'líder da raça negra' na capital da República*. Salvador, *Afro-Ásia*, n. 41, p. 167-20, 2010.

DIAS, Rodrigo. Resenha de "Preconceito Racial de Marca e Preconceito Racial de Origem" de Oracy Nogueira. *Sociologia e antropologia*, 19 maio 2012, às 23h26. Disponível em: <http://sociologiaeantropologia.blogspot.com/2012/05/resenha-de-preconceito-racial-de-marca.html>. Acesso em: 21 jul. 2020.

DOMINGUES, Petrônio. "Vai ficar tudo preto": Monteiro Lopes e a cor na política. *Novos estud.* – CEBRAP. N. 95, p. 59-81, 2013. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002013000100004&lng=pt&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 18 set. 2020.

DOMINGUES, Petrônio. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 34, n. 67, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v34n67/a12v34n67.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais*. SP: Cia. das Letras, 1989.

GOMES, Flávio dos Santos. DOMINGUES, Petrônio (Org). *Da nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira Da Diáspora Africana*. SP: Selo Negro, 2004.

MAC CORD, Marcelo. *O rosário de D. Antônio: irmandades negras, alianças e conflitos na história social do Recife, 1848-1872*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

MAC CORD, Marcelo. Redes de sociabilidade e política: mestres de obras e associativismo no Recife oitocentista. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis. v. 2, n. 4, p. 109-125, 2010.

MAC CORD, Marcelo. A "união artística": construção e legitimidade de uma entidade de classe, Recife, década de 1870. *Revista Perseu*. Nº 4, Ano 3, 2009.

MAMIGONIAN, Beatriz G. *Africanos Livres: A abolição do tráfico de escravos no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

NABUCO, José. *O Arresto do Windhuk*. 2. ed. Rio de Janeiro, 2003.

MATTOS, Marcelo Badaró. Trajetórias entre fronteiras: o fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro. *Revista Mundos do Trabalho*, v. 1, n. 1, p. 51-64, 2009.



MATTOS, Marcelo Badaró. Experiências comuns: escravizados e livres no processo de formação da classe trabalhadora no Brasil. ANPUH XXIV Simpósio Nacional de História. 2007. Disponível em: <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Marcelo%20Badar%F3%20Mattos.pdf>  
Acesso em: 17 mar. 2021.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. A República e o Sonho. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 27, n. 45, p. 121-139, jan/jun. 2011.

SANTOS, Júlio César Pereira dos. “Preto no branco”: a trajetória do paraibano Elyseu Elias César no pós-abolição brasileiro (1871-1923). Dissertação de mestrado. UFPE, Recife. 2019.

NABUCO, José. *O Arresto do Windhuk*. 2. ed. Rio de Janeiro, 2003.

OZANAM, Israel. *Capoeira e Capoeiras entre a Guarda Negra e a educação física no Recife*. Dissertação de mestrado em História, PPGH-UFPE, 2013.

SOUZA, Felipe Azevedo e. *A participação política das classes populares em três movimentos, Recife (c. 1880 – c. 1900)*. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas. 2018.

SOUZA, Felipe Azevedo e. A blusa e a urna: metamorfoses do associativismo de trabalhadores em Pernambuco entre o Império e a República. *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis. v. 12, p. 1-18, 2020.

### **Notas de autoria**

José Bento Rosa da Silva está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Pernambuco. Possui graduação em História pela Fundação do Polo Regional do Vale do Itajaí (1985), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 1994) e doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE-2001). Atualmente é professor do programa de pós-graduação em História na UFPE. Membro fundador do NEAB-UFPE. Vinculado ao Centro De Estudos Africanos da Universidade do Porto (Portugal-2002/2016) como investigador doutorado. E-mail: bentorosa.ebano@gmail.com.

Arthur Danillo Castelo Branco de Souza é graduado e mestre em História pela UFPE e atualmente está cursando o doutorado na linha Norte-Nordeste Mundo Atlântico pela mesma instituição. Suas áreas de pesquisa compreendem a História Social e Política da Abolição e do Pós-Abolição no Brasil. E-mail: arthur.danillo@ufpe.br.

### **Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista**

Silva, José Bento Rosa da. SOUZA, Arthur Danilo Castelo Branco. Doutor Feliciano André Gomes [1859-1927]: Notas preliminares sobre um tribuno negro em Pernambuco. *Sæculum – Revista de História*, v. 26, n. 44, p. 190-207, 2021.

### **Contribuição de autoria**

José Bento Rosa da Silva: pesquisa e escrita referentes à família do Doutor Feliciano André Gomes e participação dele no movimento operário.

Arthur Danillo Castelo Branco de Souza: pesquisa e escrita sobre a vida acadêmica do Doutor Feliciano André Gomes, sua participação no movimento operário e no movimento abolicionista.

### **Financiamento**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

### **Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica.

**Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica.

**Licença de uso**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

**Histórico**

Recebido em 29/09/2020.

Modificações solicitadas em 19/03/2020.

Aprovado em 11/10/2020.